

EDSON SANTOS SILVA
CAROLINA FILIPAKI DE CARVALHO
REGINA CHICOSKI
orgs.

Sábados

Literários

ENTRE CLÁSSICOS E RELEITURAS



Valdemir Paiva

EDITOR-CHEFE

Éverson Ciriaco

DIRETOR EDITORIAL

Katlin Lopes

DIRETORA EXECUTIVA

Paula Zettel

DESIGN DE CAPA

Brenner Silva

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Os autores

REVISÃO DE TEXTO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Sábados literários [livro eletrônico] : entre
clássicos e releituras / organização Edson
Santos Silva , Carolina Filipaki de Carvalho ,
Regina Chicoski. -- 1. ed. -- Curitiba, PR :
Editorial Casa, 2021.
PDF

Bibliografia

ISBN 978-65-995639-0-4

1. Educação 2. Extensão universitária 3. Leitores
- Formações - Formação 4. Literatura brasileira I.
Silva, Edson Santos. II. Carvalho, Carolina Filipaki
de. III. Chicoski, Regina.

21-74785

CDD-869.908

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira - Coletâneas 869.908
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



EDITORIAL CASA

R. Marechal Deodoro, 503, Sala 207

Centro | CEP 80020-320 | Curitiba-PR

Telefone: (55) (41) 3264-9696

E-mail: contato@editorialcasa.com.br

www.editorialcasa.com.br

1ª edição – Ano 2021

Não encontrando nossos títulos
na rede de livrarias conveniadas
e informadas em nosso site,
contatar o Editorial Casa.

SUMÁRIO

Apresentação	4
Corpos que desejam, desejos que se negam e sexualidades empedernidas em <i>Cartas Portuguesas</i> , <i>O Gigante Adamastor</i> e <i>Negra Bá</i>	16
Trajetórias do clássico: Flaubert e a consagração do romance	45
A suposta intraduzibilidade do conceito de Noia em Giacomo Leopardi	66
John Updike no Brasil: percurso de pesquisa	83
Rremembranças: a mídia sensacionalista e a contemporaneidade retratadas na escrita de Valêncio Xavier	106
Realismo e violência no romance <i>Assim na terra como embaixo da terra</i> (2017), da escritora brasileira Ana Paula Maia	121

Reflexões acerca de O conto da ilha desconhecida, de José Saramago	142
Em prol do binômio ensino-aprendizagem: Fernando Pessoa(s) de uma drama, Francisco Maciel Silveira	155
Literatura contemporânea croata: temas e caminhos	166
Escrevivendo Conceição Evaristo: entre o real e o ficcional	183
As Novas Cartas Portuguesas e os cativeiros das mulheres: relações entre Literatura e Antropología	198
Literatura Infantojuvenil no Século XXI: obras premiadas	225
Memória e identidade pelo viés da Literatura e da História em O alfanje e o centeio: crônicas da imigração eslava	269
Amor, história e transmutação do herói em “El alferez y la provisoro”	289
Clarice Lispector Jornalista: O Revés Judaico	316
Sobre os Autores e Autoras	335

Literatura contemporânea croata: temas e caminhos

Tomislav Correia-Deur¹

Milan Puh²

Neste texto serão explorados alguns temas e caminhos da literatura contemporânea croata, resultantes de um processo intenso e demorado de seleção e tradução de dezessete autores croatas contemporâneos para a elaboração do primeiro panorama da poesia contemporânea croata no Brasil, intitulado *Poesia contemporânea croata: um contato em três idiomas*. Essa experiência nos possibilitou uma série de reflexões sobre o processo de tradução como um caminho de investigação e as características de uma literatura ainda pouco conhecida no país. Acreditamos que o ato de tradução pode representar um momento singular que aproxima duas culturas e também faz com que os tradutores repensem o seu lugar de produção no diálogo intercultural pela via literária. Tanto um tradutor, brasileiro, filho de pais croatas, quanto o outro tradutor, croata, há bastante tempo morando no país, compartilham o interesse pelo estudo da literatura brasileira e da literatura croata, bem como dos respectivos idiomas.

O espaço recebido nesta publicação para apresentarmos a literatura croata na contemporaneidade também nos leva a revisitar

¹ Graduado em Português e Latim pela Universidade de São Paulo, e mestre em Letras Clássicas pela mesma universidade.

² Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo.

alguns pontos e períodos históricos deste povo, algo já parcialmente realizado por Puh (2020), na edição 2019 dos **Sábados Literários**, sobre a literatura croata no caminho para a modernidade. Apresentar essa trajetória se constitui uma necessidade pelo fato de atualmente existir um estado independente croata, reconhecido pelo Brasil desde 1993, imprimindo no senso comum do brasileiro uma marca de “novidade” ou de “existência recente” a um povo, na verdade, secular, levando-nos a um constante processo de justificação e legitimação dos elementos da nossa *poiesis*. Assim, apesar de concordar em aproveitar a oportunidade de apresentar para o público brasileiro uma produção pouco presente nos circuitos literários em língua portuguesa, consideramos importante explicitar essa quase exigência de contextualizar e de comentar elementos da cultura e história croata.

Ao mesmo tempo, consideramos que tratar de alguns temas e caminhos que a poética croata desta época – a contemporaneidade – nos oferece seja uma solução adequada para uma proposta um tanto ambiciosa. Falar de algum fenômeno do momento, do agora é sempre uma tarefa difícil e complexa de se concretizar porque estamos falando de autores vivos que ainda estão em processo de criação, portanto não dispomos de um “ciclo fechado”, uma aparente completude à disposição para análises mais definitivas e decisivas. Além disso, estamos falando de autoras e autores heterogêneos em quase tudo que possa se imaginar: regionalmente, profissionalmente, linguisticamente, pessoalmente e, claro, poeticamente, o que dialoga bem com a heterogeneidade dos temas que são tratados e dos caminhos de escrita tomados nos sete poemas que cada autor dispôs para a coletânea de poemas.

Uma amostra pequena para estes autores já em sua grande maioria consagrados na Croácia, resultou numa quantidade grande de cento e dezenove poemas traduzidos, não somente para a língua

portuguesa, mas também para a língua espanhola, fazendo da publicação uma edição trilingue, abrindo acessos linguísticos e culturais a diversos mundos da América Latina e de outros espaços do globo terrestre. Aqui jaz o objetivo principal do texto – criar pontes e pontos de contato entre a poesia dos dois países, através de uma amostra pequena de produções literárias que nos parece suficiente para o começo de uma conversa mais intensa. É certo que esta conversa precisava justamente desta materialidade traduzida e adaptada para a leitura do público brasileiro e nela encontramos diversos universos temáticos croatas que serão abordados ao longo deste texto: topônimos geográficos, junto com a cor local dos poetas, inseridos nas suas realidades locais e regionais; o cosmos enquanto um elemento da representação da integralidade e da unidade da espécie humana da qual os autores fazem parte; histórias–pessoas e histórias–lugares que são tão imbricados na memória coletiva e individual do povo croata; sentimentalidade e afetividade que opta por se distanciar do eufemismo e escapismo na percepção concreta da realidade e por fim, as características linguísticas que nos fez investigar mais profundamente as relações entre os três idiomas.

Posto isso, esperamos que este capítulo seja mais uma porta de entrada para uma poesia que está em vias de ganhar um reconhecimento necessário em território brasileiro, trazendo para mais perto os e as poetas croatas, junto com suas poesias, preocupações e soluções para anseios literários. E por último, almejamos que o livro de poesias aqui comentado seja um pouco mais compreendido, levando-se em consideração este apanhado de reflexões e que as nossas contemplações aqui os enveredam para a leitura da coletânea poética que há muito tempo esperava ganhar um espaço no cenário artístico brasileiro.

Sem aprofundar questões históricas e filológicas complexas que fogem do escopo deste trabalho, podemos afirmar a existência de uma tradição literária em língua croata com raízes no período medieval, expressão de uma efervescência cultural que se faz presente ainda hoje nas referências dos poetas que mencionam as tumbas funerárias, lápides reais ou traçados ornamentais na arquitetura. Durante o Renascimento, com o impulsionamento econômico e comercial das cidades litorâneas do Adriático croata, temos a criação de primeiros grandes nomes: Marko Marulić Splitski (1450-1523) ou Marin Držić (1508-1567), por exemplo. Apesar das dificuldades enfrentadas pelos croatas durante os enfrentamentos com os otomanos e venezianos, nos séculos XVII e XVIII, há grandes poetas manejando as ferramentas poéticas da época em obras épicas e líricas, como Ivan Gundulić (1589-1638), cuja produção literária é uma referência para o futuro estabelecimento de língua literária croata, padrão para o estabelecimento de uma linguagem não marcada pelas localidades e regionalidades.

A esses autores de feição clássica se segue, no século XIX, uma geração romântica profundamente articulada com a produção em língua alemã e francesa do período, apresentando grande impacto na história social e estética do povo croata. A geração realista que a segue, articula as ideias positivistas com a realidade social dos croatas no Império Austro-Húngaro, criticando diversos aspectos da vida social croata, tal como o fez Silvije Strahimir Kranjčević (1865-1908), nascido na Croácia, mas atuante também na Bósnia e Herzegovina. Cabe lembrar que há uma forte interação secular entre estes dois países, os quais consideram a população etnicamente croata enquanto seu povo constitutivo, o que se reflete inclusive nas trajetórias dos autores da coletânea que, apesar de terem nascido no país vizinho, são incluídos no panteão literário croata.

Formas poéticas como o simbolismo preparam terreno para as várias formas de inovações modernistas na alvorada do século XX. A conturbada vida política dos croatas durante o século XX também produziu um grande número de autores, sempre articulados com as tendências contemporâneas que se desenvolviam em redor. Alguns infelizmente sofreram os efeitos nocivos de conflitos bélicos que acometeram o país três vezes nesse século, encerrando a produção e atuação poética de autores como foi Ivan Goran Kovačić (1913-1943), para citarmos um exemplo de autor citado na coletânea. A vasta obra de Kovačić é muito conhecida e respeitada no país, dando nome a um dos mais prestigiosos prêmios literários da Croácia.

Como veremos logo abaixo, a partir da segunda metade do século XX, é possível encontrar, ao lado de grandes nomes da prosa narrativa experimental, uma produção poética fortemente influenciada pela Semiótica. A teoria que entre nós criou o Concretismo apresenta frutos na poesia croata e caracteriza toda uma geração.

Essa digressão de história literária procura apresentar a existência de uma tradição literária na qual é possível articular os poetas contemporâneos que foram objeto de nossa tradução. Sem sombra de dúvidas eles manifestam essa vinculação por meio de citações explícitas ou por alusões um tanto quanto elípticas, mas que permitem ao leitor croata entender as relações. Naturalmente, cada um dos poetas realiza essa pesquisa na tradição de modo individual, com projetos estéticos próprios e muitas vezes divergentes entre si, afinal o manancial literário disponível para eles é tão grande quanto o de qualquer línguas européias menos conhecidas, mas que também puderam acompanhar as transformações da literatura ocidental com suas peculiaridades, bem como aquelas mais ao leste, ao norte, ao sul.

Isso nos permite também demarcar temporalmente a contemporaneidade, sendo ela também chamada de pós-modernismo literário, uma vez que surge no começo dos anos 1970 com o término da segunda fase do modernismo croata cujo início se deu logo após a Segunda Guerra Mundial. E de fato, depois de duas décadas de reconstrução e reestruturação da Croácia no contexto da Iugoslávia, surgem novas vozes e novas preocupações, em consonância com outros movimentos de libertação do final dos anos 1960. Estes momentos, isto é, duas fases modernistas abordamos e apresentamos mais detalhadamente em Puh (2020), recomendando essa leitura para que se compreenda melhor a periodicidade da literatura croata até o momento em que se rompe com as produções mais homogêneas estilisticamente.

Podemos constatar que, no início dos anos 1970, houve uma explosão de formas e estilos literários, pois almeja-se algo novo, original, irrepetível e artisticamente provocador. Existe uma tendência para a simplicidade, comunicatividade e clareza de expressão. A tradição não é mais negada, mas sim incluída, e sua construção torna-se o fundamento da “Primavera Croata” (movimento amplo de social, que pedia por democracia e mais autonomia, entre outras pautas) que não dura muito, porém serve como um elemento que impulsionará muitos artistas não somente até a emancipação final croata em 1991, estendendo-se até os dias atuais em diferentes vertentes expressivas.

Na coletânea de poemas que estará ao dispor do leitor brasileiro, pode-se fazer uma divisão dos escritores em duas gerações, uma que se afirmou justamente no período dos anos 1970/1980 e que não se silenciou após o sufocamento da chamada “primavera”, produzindo continuamente até hoje e uma outra geração que começou a se estabelecer artisticamente a partir dos anos 1990, num momento em que a Croácia estava se definindo como um país, com preocupações

parcialmente diferentes da geração anterior, mas não necessariamente destoante ou em franca oposição aqueles que tiveram mais tempo para produzir. Assim, quem terá o acesso à literatura croata por meio da tradução das obras não encontrará delimitação proposital das gerações, e provavelmente não sentirá a diferença significativa nas suas características, o que talvez fosse se esperar considerando a ruptura que foram os anos 1990.

Por isso, na próxima seção nos cabe comentar e discutir características que esses autores apresentam em comum, e também aquelas que os/as diferenciam enquanto indivíduos e membros dos seus coletivos.

Se algo pode aproximar os poetas da antologia é um certo “tom discursivo” presente em suas obras. Mesmo aceitando procedimentos transgressores da norma culta croata, como a ausência de pontuação ou letras maiúsculas, os poetas não procuram a fragmentação total da linguagem poética e recorrem a muitos procedimentos capazes de conferir discursividade aos textos. A tendência nos evoca certos paralelos formais com o neo-concretismo de Ferreira Gullar, por exemplo.

O aumento da discursividade produz efeitos interessantes na recepção do público croata. O tom direto, o fascínio produzido por metáforas extravagantes e a presença de aspectos rítmicos da camada fônica ampliaram o público leitor que frequenta os saraus e os lançamentos de livros. Pessoas de várias classes sociais compartilham a experiência de ler e ouvir esse tipo de poesia, tanto nas grandes cidades quanto nas pequenas aldeias da Croácia. Aqui não há pretensão de persuadir o leitor brasileiro do sucesso mercadológico

desses poetas, mas certamente eles substituem o hermetismo pela discursividade, aceitando de bom grado certas sonoridades e imagens eficazes que seriam taxadas de simplistas em outros momentos estéticos, garantindo assim a consolidação de um público apreciador em franco processo de expansão.

Não é à toa que há uma Associação dos Escritores Croatas, a qual a maioria dos poetas presentes na antologia são associados e que congrega autores com os mais diversos perfis estilísticos, em um acordo tácito em prol da valorização do fazer poético, independentemente dos caminhos escolhidos. Poetas de diferentes graus de educação formal, usuários dos diversos dialetos croatas, abordando todo tipo de temática para os mais diversos públicos, costumam receber um espaço para divulgarem seus trabalhos, algo que não poderia ser diferente na coletânea.

Nas autobiografias dos autores, é possível encontrar profissionais ligados estritamente ao mundo das letras, os quais trabalham em instituições públicas (como universidades, institutos e bibliotecas, por exemplo), investindo seus esforços na lexicologia, na estilística literária, na tradução, na editoração, produzindo, para além da poesia, estudos que se debruçam sobre diversos aspectos da língua e literatura croata. Igualmente teremos contato com escritores que provêm de outras áreas do conhecimento: medicina, direito, pedagogia, física e química, filosofia, mas que dedicam seu tempo e criatividade para a expressão artística, o que também se reflete na escolha de determinadas referências e construções trazendo outros sistemas de representação do mundo para dentro do universo da poesia. Nesse sentido, a literatura contemporânea croata também não foge muito de outras literaturas mundiais, apesar de existir uma certa tendência desses autores de não terem a poesia ou a escrita literária como principal manifestação estética, muitas vezes também se ocupando,

paralelamente, com diversas outras artes, como escultura, pintura e música. Essa não unilateralidade das trajetórias pessoas e profissionais favoreceu ainda mais a produção diversificada e a inserção contemporânea das autoras e autores.

A proximidade com os aspectos populares e cotidianos da vida talvez seja a responsável por uma característica constante na poesia croata e que produz certo desconforto no leitor brasileiro: o uso constante de topônimos na produção literária. Apesar de ser um país muito menor que o Brasil – ou talvez por isso mesmo – é comum na poesia croata a referência a locais muito remotos ou pequenos, sejam cidades, aldeias, rios, montanhas, ilhas ou outros recortes da paisagem. Tais referências facilmente transcendem o universo das grandes cidades ou o recorte das macrorregiões do país, muitas vezes procurando o pequeno ou o específico regional, retratando uma paisagem específica que é espaço e dá cor para a cultura popular local. O desafio para o leitor brasileiro está em procurar compreender o valor poético dessas territorialidades. Recomenda-se ler os poetas croatas com as mesmas lentes utilizadas para decodificar a intrincada geografia de Guimarães Rosa, eminentemente poética, ainda que partindo da informação referencial.

Ao mesmo tempo, uma grande parte dos poetas conta com suas obras traduzidas para um número razoável de outras línguas, o que indica a irradiação das suas poesias para outros lugares no mundo, conferindo caráter mais internacional para eles. Também se juntam referências a espaços e a personagens estrangeiros ao meio croata, desde aqueles mais conhecidos no mundo todo (para nomearmos alguns casos: filósofos e oradores da antiguidade latina e grega, ban-

das e cantores de rock, animais exóticos para a fauna croata, entre outros) até as menções a escritores portugueses e brasileiros. Isso indica que não se trata de uma literatura isolada em busca de uma expressão forçadamente nacional ou de uma abnegação do local em prol do global e/ou da aceitação irrestrita da globalização. A própria seleção das obras e seus autores pautou-se pela capacidade de se comunicar com os círculos culturais mais diversos, o que ajudaria na efetivação de um diálogo com a produção brasileira.

Dentro desse contexto, chama atenção o modo como o poeta contemporâneo croata se comunica com seu eu interior e com os membros da sua comunidade de fala, expressão essa que transborda o aspecto informacional que um texto literário pode trazer. Poderíamos chamar essa comunicação de sentimentalidade, de intimidade e até de religiosidade que se relacionam intensamente na produção poética e que muitas vezes é resumida e entendida no senso comum como um sentimento de melancolia ou fatalismo eslavo. Esse caráter singular das emoções construídas nos poemas marca a produção presente na coletânea, a qual consideramos também relevante para caracterizar a literatura contemporânea como tal, porque se abre espaço para uma comunicação direta do que se sente, ao mesmo tempo que ninguém se exime de permitir que o leitor apreenda aquilo que sai do plano denotativo ou até conotativo. O leitor brasileiro vendo este tipo de escrita literária pode se aventurar numa busca de sentido nos sentimentos e nas intimidades que as autoras e os autores estabelecem com os que lhes são mais próximos, mas também com membros da sua nação e com o mundo, conseguindo ou não estabelecer relações de proximidade, porque o croata opera frequentemente com as noções de perda, mal-compreensão, desconfiança, dentre um leque de possibilidades resultantes de eventos históricos, características culturais e sociais que nem sempre são evidentes. E

isso não precisa dar margem de preocupação, porque há fenômenos que sempre vão escapar a nossa cognoscência, afirmando-se como uma opção mais proveitosa, a (auto)permissão que sejamos atingidos por aquilo que ainda não conhecemos e compreendemos, abrindo espaço que assim nossos sentidos e sentimentos se desenvolvam de modo inesperado, novo e renovador.

Entre as imagens poéticas recorrentes nos autores da antologia pode-se citar a constante referência a imagens astronômicas. O universo, tomado como grandioso e absoluto, é fonte de fascínio e pavor, comparece em uma diversidade de substantivos: universo, cosmos, estrelas, céu, céu estrelado, galáxias, etc.

Ao mesmo tempo em que parecem estar repetindo temas fundadores do Romantismo, como o gosto pela hipérbole e pela grandiosidade da natureza, os poetas não abandonam referências filosóficas de matriz existencialista, como o vazio existencial e o pavor metafísico. Não é prudente analisar em conjunto poetas tão diversos, mas certos traços parecem constantes no tratamento do tema. Em primeiro lugar, o universo parece representar o mistério supremo das origens, o ponto de onde tudo se origina e que o poeta procura, em vão, compreender. O universo também é a imensidão o espaço infinito, no qual tudo está contido, para o qual o poeta pretende migrar em busca de unidade com a criação (sob uma perspectiva religiosa ou laica, em função do poeta). Por fim, o universo é o espaço da integralidade e da unidade do sujeito consigo mesmo, fusão de macrocosmo e microcosmo que se dá no indivíduo, novamente com traços teológicos ou laicos. Em alguns poemas que exploram o tema do universo é possível traçar paralelos, no cenário brasileiro, ora com a parte da obra transcendente de Murilo Mendes, ora com produção de Carlos Drummond de Andrade, no que se refere à percepção do vazio existencial.

Nesse sentido, o livro permite que se veja como o croata cria a sua visão não somente daquilo “além-mundo”, mas também do que está “em-mundo”, tratando-se assim de uma literatura europeia, literatura esta que vê o exótico enquanto um lugar de descoberta do novo, partindo do lugar de um espaço que foi cobiçado internamente pelo colonialismo. Portanto, a busca pelo entendimento do não-comum ou inusual não é carregada principalmente pelas relações de poder ou de dominação que o estado croata manteve com algum outro país localizado fora do continente europeu, fazendo-se observações, frequentemente desconfiadas e questionadoras, daquilo que se observa no mundo. Em certa medida, os olhos dos artistas croatas parecem abertos para entender com mais facilidade a *Antropofagia*, de Oswald de Andrade em seus próprios termos, na medida em que buscam o outro com olhos mais cientes de preconceitos criados por terceiros.

Por outro lado, é claro que as relações de dominação e poder étnicos também são existentes, mesmo que ainda pouco estudadas e representadas no Brasil, e por isso não é de se estranhar que há construções poéticas que no nosso contexto não soam tão naturais ou apropriadas. Conhecer e entender esse outro lado do que significa ser europeu, ou mesmo a negação deste estatuto às chamadas pequenas nações do “Leste Europeu”, ajudaria a se ter uma visão mais diversificada e múltipla das existências naquele espaço que no contexto latinoamericano costuma sofrer de reducionismo e, eventualmente, de um certo silenciamento. Esse fato é visível no ocultamento da existência de um povo eslavo, como são os croatas, em registros e documentos oficiais brasileiros sobre imigração ao longo da história, na pequena troca comercial entre os dois países na atualidade, tendo como seu mais expressivo aspecto a quase inexistência de traduções literárias.

Falando em inexistência, um tema quase não se faz presente na literatura brasileira é o da guerra. Ainda que não seja tema presente em vários poetas da antologia, a Guerra de Independência (1991-1995) figura em vários autores, pelo prisma da reflexão subjetiva, como é próprio da lírica, e demanda algumas palavras de contextualização.

De fato, o tema da guerra é raro na produção brasileira, tendo em vista a própria história militar do Brasil. Assim, faltam referências reais (como a *Retirada da Laguna*, de Taunay, em prosa) que possam servir de referência para a comparação. Os poetas da antologia que tratam do tema também não se dedicam a apresentar feitos heróicos em dicção épica, mas buscam um tipo de lamento de teor elegíaco. Tratam da violência, do ataque, da morte, da destruição da paisagem e do patrimônio (pessoal e histórico) com a sensibilidade de quem perdeu algo ou alguém e pretende fixar na memória coletiva, via poesia o sentimento captado.

Não se tratam de poemas óbvios (e necessários) de repúdio à violência e a guerra, mas de um registro emotivo de atrocidades não tão distantes no tempo. O lirismo então se manifesta pelo detalhe, pela descrição de um local destruído, uma casa, uma rua, uma estátua em uma praça. Também não há incitação a vingança ou um pedido de reparação, mas a certeza da necessidade de lembrar e de ligar esses fatos tristes a um grande repositório de fatos similares do passado. Assim como os eventos do passado puderam ser superados e transcendidos, os eventos recentes, circunscritos na mesma tradição poética, são carregados da capacidade de superação, graças à mesma tenacidade e resistência de gerações passadas.

Tema sem dúvida alguma denso, abraçando a dor individual diante da perda e do desespero, com tratamento poético que supera os lugares comuns que se imaginam para esse tipo de temática.

Uma última relação bastante complexa é aquela linguística que os autores mantêm na sua produção, uma vez que se tratam de autores que escrevem utilizando o que se considera a língua literária croata, a qual consiste de três dialetos, dos quais um – o chtokaviano – foi escolhido para ser o padrão, e os outros dois – o tchakaviano e kaikaviano – receberam o status regional de dialeto. A atual língua croata recebe nos poemas, portanto, contribuições das diversas expressões locais com as quais os autores e as autoras conviveram ao longo da vida, trabalhando-se também com dialeto padronizado na medida que o seu uso não representa necessariamente um maior grau de instrução formal ou adequação oficial. Temos, na antologia, poéticas que são inseridas completamente em uma variante dialetal, ao mesmo tempo que há autores que incorporam expressões e elementos linguísticos diversos, de acordo com o seu objetivo. Essa presença, às vezes mais tensa e conflituosa, às vezes mais tranquila e harmoniosa, representou no ato de traduzir um desafio por não existir uma estratégia única de se fazer o processo de significação desse sistema que contém premissas e regras simbólicas diferentes. Não é por acaso que a língua seja considerada como o sistema de significação mais importante quando se pensa em uma comunidade. E no caso croata, temos especificidades na utilização da linguagem para as quais foi necessário dialogar intensamente com as possibilidades que a língua portuguesa nos oferece, não somente no Brasil que é um dos nossos principais pontos de chegada, mas também na península Ibérica que faz parte do continente europeu com características geográficas, climáticas, políticas e outras que foram acionadas para que se possa transmitir e criar pontes de entendimento.

A dificuldade de tradução dos dialetos croatas esbarra no fato de que, ainda que existam marcas socioculturais específicas aos falantes de cada um dos dialetos, essas marcas não permitem uma

transposição linear para falares regionais brasileiros, na medida em que os pacotes socioculturais não são necessariamente equivalentes. Optou-se por certo grau de transcrição poética, ora compondo, no mesmo poema, um combinado de marcas de diferentes níveis diatópicos e diastráticos da oralidade do português pesquisando esteticamente um idioleto, à maneira de Guimarães Rosa quando estávamos imersos em uma expressão pessoal de uma história local. Mais complexo e plurissignificativo foi o processo de tradução quando nos deparamos com certas *poesis* literárias que utilizavam os três dialetos croatas como material para obra poética, explorando os pontos de contato entre eles.

Essas opções estratégicas nos mostram que há algumas paradas que acontecem no caminho que a literatura contemporânea croata faz até a América Latina, porque não podemos esquecer que o livro é trilingue, o que possibilita um contato bastante amplo, e necessariamente singular por sabermos que cada país e cada público deste continente (e alguns outros) receberá do seu modo a poesia. Por isso essa nossa operação tradutória, bem nos termos haroldianos, depende também de uma tradução intersemiótica porque estamos traduzindo discursos presentes na poesia do momento quase presente, o que pode ser um facilitador porque estamos muito mais próximos dos discursos e sistemas semióticos que estão em grande parte ainda ativamente circulando na atualidade, próximos do nosso leitor. Perigosamente, também pode ser um risco porque coisas que se aparentam e aquilo que se profere é dotado de objetivos e proposições que se entende somente com o passar do tempo e com a criação de uma distância. Nesse contexto, entender a literatura contemporânea croata certamente pode parecer bem mais fácil por estarmos todos mais próximos temporalmente, ainda que não estejamos espacial ou ainda culturalmente. Realmente há atenuantes,

mas há de se ter cuidado ao aplicarmos os nossos entendimentos nos fenômenos que foram poetizados, quando se fala, por exemplo, das relações familiares ou ainda da voz feminina e masculina, temas recorrentes na coletânea e abordados de maneiras diferentes pelas pessoas que a integram.

Neste texto refletiu-se sobre a literatura contemporânea croata, partindo da experiência tradutória de autores croatas com seus cento e dezenove poemas para a qual foi necessário realizar pesquisas de diversas naturezas, reflexões e discussões para que o público brasileiro pudesse ter à disposição uma coletânea capaz de criar pontes entre as literaturas. O nosso intuito aqui também foi criar um espaço em que alguns temas e caminhos fossem estabelecidos, garantindo um melhor entendimento do que seria a literatura contemporânea croata. Trata-se de uma seleção que não representa um todo, mas indica a existência de características que marcam a poesia croata após 1970, num período em que começam a atuar e afirmar estes dezessete autores que produzem ainda hoje.

Pensando que há um público no Brasil interessado em descobrir outras literaturas mundiais, tal como é o dos Sábados Literários, aproveitamos a oportunidade recebida para trazer aquilo que se sobressaia na leitura e tradução do grupo escolhido de poetas, realizando paralelos de distanciamento e aproximação com produção literária brasileira, facilitando assim um diálogo que pode partir deste capítulo para a coletânea e vice-versa. A importância deste escrito se dá no fato de ser mais um pequeno elemento que ajuda a preencher a lacuna na formação de um conhecimento sobre literatura croata no Brasil, visando incrementar e formalizar possíveis periodizações e

tematizações que não foram feitas até o presente momento, agradecendo sempre e reforçando a necessidade de existirem eventos germinados por Universidades Públicas e seus quadros docentes e discentes. Isso é mais verdade ainda quando se pensa na UNICENTRO que é um território onde coexistem diferentes etnias e culturas, dentre as quais as eslavas marcando uma presença intensa, sendo a literatura croata uma parte do mosaico multicultural que pode e deve ser fomentado e cultivado.

Referências

PUH, Milan. Literatura croata no caminho da modernidade: Radovan Ivšić e Drago Štambuk. *In: SILVA, Edson Santos (et al.). Sábados literários - 2019, a literatura que faz do saber uma festa.* São Paulo: Todas as Musas, 2020. p.118 - 136.

CORREIA-DEUR, Tomislav; LOVRENČIĆ, Željka; PUH, Milan. *Literatura contemporânea croata: um encontro em três idiomas* (2021, no prelo).